

7 DE SETEMBRO

Prof. Edgar Zanoni - Do Centro Cultural "Euclides da Cunha"

Tem a palavra, por objetivo, despertar em nosso espírito a formação de uma idéia.

Todavia, existem certos vocábulos que impõem à nossa inteligência, não uma signifi-

cação apenas, mas um conjunto delas, tal a correlação que apresenta com os nossos ideais, com as nossas aspirações e sentimentos.

Assim é com a palavra LI-

BERDADE. Um vocábulo somente, mas se aquece às vezes da quentura dos mais soberbos poemas épicos, e se engalana com o colorido das mais deslumbrantes páginas da literatura.

Ganha estes matizes através da pena entusiástica e patriótica de poetas e escritores que, para prestigiá-la ou defendê-la, não poupam energias nem sacrifícios.

Recebe aquela quentura, aquele calor, do sangue quente de soldados e heróis que, para torná-la uma realidade, fazendo do patíbulo ou do flagelo, do fuzilamento ou dos campos de batalha, o túmulo de suas vidas.

Por isso, uma palavra assim, tão sublime na essência, não poderia adstringir-se à rigidez ingloria da Gramática, mas, sim, assumir primorosidade de formas e riquezas de flexão, de conformidade com o temperamento, com a capacidade e a fibra de um povo.

Pronunciada nos discursos ou lida nos poemas ela pouco significa; atingimos a sublimidade de sua força, a grandeza de sua expressão quando, sentindo no peito o desafio, gritamos: LIBERDADE! LIBERDADE!

Então, é como si nos viesse à boca, em atropelo, a soma de todos os recalques: da miséria e da fome, dos insultos e das injustiças, do desespero e até mesmo das vinganças; é como si fosse uma centelha que, partindo de refulgente astro, iluminasse de súbito os nossos corações exaustos e amargurados de uma vida de escravidão.

E quando, em vez do grito de uns, é o clamor de um povo inteiro, que vê a seus pés os grilhões da tirania partidos, ela — a Liberdade — que antes possuía o brilho mortífero de uma esperança distante, transforma-se num símbolo nítido de paz e glória, porque é um hino de redenção.

Meus caros leitores, foi um grito assim que, no dia 7 de Setembro, no ano de 1822, primeiramente soltou um punhado de brasileiros, nas margens do riacho Ipiranga.

É que D. Pedro, filho de D. João VI, alteando a voz tanto quanto pôde, conclamou todos os brasileiros para junto de si, com a sentença triunfal: INDEPENDENCIA OU MORTE!

A esse apelo respondeu a nação inteira, com o coração, com a alma e com o sangue, — pois o povo estava disposto a pagar o preço que fosse, para dilatar o peito com o oxigênio da liberdade.

Daquele momento em diante, estávamos emancipados politicamente.

Deixava o Brasil de alimentar, com o seu suor, com o seu trabalho, os faustosos banquetes dos palácios portugueses, nem tão pouco haveria a coroa lusitana de multiplicar seus fulgores com as pedras preciosas do nosso solo; e ao Atlântico, elemento de separação entre as duas terras, juntar-se-ia a implantação de novas diretrizes políticas e o rumo notável de nossa história.

Entretanto, para que o brado de "Independência ou Morte" ecoasse pelo território brasileiro, preciso foi que homens valorosos trabalhassem incessantemente, e alguns deles chegassem mesmo a sacrificar a vida: José Bonifácio, o Patriarca da Independência, fez do seu gabinete de trabalho um altar de civismo, rezan-

do com o seu esforço e entusiasmo pela libertação do torrão pátrio; tentar a liberdade, já em 1792, após duzentos e noventa e dois anos de jugo, era correr o risco do calabouço, do desterro e do patíbulo; mas Tiradentes tentou-a, tomando em seu holocausto, sem conseguir o almejado objetivo; Felipe dos Santos, como Tiradentes, foi também enforcado.

Roubaram a vida a dois heróis, supondo que a morte pelo estrangulamento, e depois a decapitação, e depois o execrando esquartejamento, — fosse contraforte poderoso para impor-se às tempestades que nascem no íntimo de um povo ávido de liberdade.

Mas não se combatem idéias com a violência ou com armas na mão: O sangue pode correr entumescendo a terra, mas a idéia reponta novamente na espessura de outros cérebros, estimuladas pela própria violência. E quanto mais a impiedade, mais ela cresce; quanto mais a bruteza, mais se enraíza no coração dos oprimidos.

Depois, um grito, um grito apenas no meio da turba espinhada.

Foi assim que caiu a Bastilha, e também foi assim que ruíram muitos ditadores. A História sempre conta o destino dos déspotas e a consequência dos regimes de tirania.

Felizmente, nós conseguimos nossa independência de outro modo — através de um trabalho perseverante e inteligente.

Hoje, todos podemos dizer justo orgulho: Brasil, tu és a minha pátria! Não podíamos dizer antes, porque antes de 7 de Setembro de 1822 ele ainda não era.

Uma nação escrava não é pátria de ninguém, — é uma vasta penitenciária, onde se vive e se trabalha em função da exigência e mesquinhez de outros povos.

Pátria, pátria no sentido verdadeiro da expressão, é um lar imenso, onde todos se entendem pelo mesmo falar, onde todos vibram através das mesmas aspirações, onde há um hino que todos amam e uma bandeira que todos respeitam.

Pátria — é a terra na qual todos trabalham, e se esforçam, e lutam, visando o bem-estar das gerações presentes e futuras e a tranquilidade dos dias da velhice. Sim, pátria — é um grande lar, um lar imenso, que tem por paredes as fronteiras com os outros países; que tem por assoalho a extensão toda de uma ilha ou de

um continente; que tem por tecto o céu durante o dia e as fulgurações das estrelas com o chegar da noite.

Isto sim, é pátria... o lar amplificado no dizer de Rui Barbosa.

Meus amigos e colegas, um país que evoluciona é um povo que caminha; que caminha sempre, realizando as suas aspirações e definindo os seus objetivos; que se move com passos largos e firmes pela estrada da vida, nela deixando marcos de ouro que falem de sua história, monumentos que contem de suas decisões e conquistas.

Sete de Setembro é um dos marcos de ouro na existência do Brasil. E para nós não representa ele apenas uma data, — mas um exemplo e um estímulo. Um exemplo e um estímulo, para que continuemos conduzindo o magnífico pavilhão auri-verde com o mesmo carinho dos poetas, que tanto o exaltaram em suas estrofes; com o mesmo amor daqueles que não temeram a morte, para que ele pudesse flutuar soberbeiro no topo dos mastros; com a mesma devoção daqueles que fizeram da vida um hino de trabalho pelo seu engrandecimento.

Todavia, uma nação não pode viver somente das glórias do passado; tudo aquilo que foi construído e conquistado pertence ao pretérito, merecendo, não há dúvida, respeito, admiração, e principalmente o nosso culto.

Mas é preciso também que, seguindo o exemplo daqueles que viveram antes de nós, ergamos, pelos caminhos onde se fizer a cadência de nossos passos, outros marcos e outros monumentos, para que não haja, na trajetória de progresso do Brasil, uma lacuna ou um hiato, — o que seria a confirmação ou da nossa inépcia ou da nossa incuria.

E para conseguirmos isso não é preciso muito — apenas um pouco de trabalho e um pouco de boa vontade.

Assim, jovens de Ponta-Grossa, não vacilemos já mais, para manter nossa Pátria no pedestal glorioso em que ele se acha — no pedestal da LIBERDADE.

E cada vez mais burilemos esse pedestal: com a coragem — para mantê-lo intacto; com o dinamismo — para engrandecer o Brasil, que ele sustenta; e mais ainda, com o caráter — para que esse pedestal preserve a sua dignidade, e a nossa Pátria se imponha pela inteligência, pelo trabalho e pela honradez.